

Claridade, por Elsa Rodrigues [†], pp. 63-72), salientarei o trabalho de Jorge A. H. Rangel, sobre “Macau, a língua portuguesa e o legado luso” (pp. 83-94), que vem completar o painel europeu/americano/africano da língua portuguesa, com um olhar histórico, atual e prospectivo ao mesmo tempo, sobre a “quarta dimensão” do mundo de língua portuguesa, ou seja, aquele Oriente português, ou o que resta dele. Pode completar-se a repercussão, neste volume, do Oriente de língua portuguesa, com dois dos projetos de investigação, apresentados no Colóquio e compendiados neste volume, um sobre a cooperação da Universidade de Aveiro na formação de quadros docentes do Ensino Secundário em Timor-Leste (pp.97-110), outro sobre o ensino da língua portuguesa a alunos de Goa (pp. 123-146), a que vem juntar-se um outro, sobre “Ensino e investigação do Português em Moçambique” (pp. 111-122). Não devia, neste contexto de estudos sobre “O Português no Mundo”, obviar-se a realidade, complexa e fascinante, das línguas crioulas de base lexical portuguesa, neste volume representada, apenas, por um trabalho, de Andrés José Pociña López, “Subsídios para um estudo sobre a normativa gramatical das línguas crioulas de base portuguesa, na sua relação com a identidade cultural crioula”, trabalho este que não vou entrar a valorizar, por razões óbvias...

O quadro geral da diversidade, unidade e saúde da língua portuguesa no mundo fica, assim, como que compendiado, ainda que seja de maneira tão breve, neste pequeno volume. Na segunda parte do ambicioso projeto *Pelos mares da língua portuguesa 2*, esta visão de conjunto virá a desenvolver-se muito mais. É disso que tratarei na recensão seguinte.

***Pelos Mares da Língua Portuguesa 2*, edição de António Manuel Ferreira e Maria Fernanda Brasete, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2015; ISBN: 978-972-789-437-6; 631 pp.**

Andrés Pociña López
Universidad de Extremadura
apocina@unex.es

Este ingente volume de 631 páginas vem continuar o percurso começado pelo livrinho *Pelos Mares da Língua Portuguesa 1*, alvo da

recensão anterior. Carece de um preâmbulo (como o que se apresenta no volume anterior) a dar conta das circunstâncias que originaram a coletânea de estudos (ou seja, para o caso de *Pelos Mares... 1*, o colóquio de março de 2012 em Aveiro, com o mesmo título da coletânea) e a resumir os aspetos mais salientes de cada um dos trabalhos que o conformam. No caso vertente, não se esclarece se o volume foi o resultado da compilação de trabalhos apresentados num congresso, ou se organizou diretamente como coletânea de trabalhos escritos, sem exposição oral prévia. Porém, a minha ideia é que o volume volta a ser uma edição de atas de um segundo colóquio *Pelos Mares da Língua Portuguesa*. De facto, no ano 2016, houve mais uma sequência, *Pelos Mares da Língua Portuguesa 3*, cujas atas esperam ainda pela publicação.

A impressão primeira que, inevitavelmente, se depara a quem der uma vista-d'olhos ao volume presente (sobretudo quando comparado com o primeiro volume da série) é que, desta feita, os limites foram extravasados. Não apenas por se ter passado de 154 a 631 páginas, o que supõe claramente uma amplificação enorme, como também (e isto é talvez mais significativo) por se terem alargado excessivamente os âmbitos de pesquisa, sobre os quais se debruçam os diversos trabalhos, nem mais nem menos do que 44 estudos, a abranger todo um leque de sujeitos científicos, no âmbito dos Estudos Portugueses: estudos de Literatura, de Linguística, de Sociolinguística, de História, de Ensino da Língua Portuguesa (nas suas diversas modalidades: Português para Estrangeiros, Português para pessoas com português como língua materna...), e assim por diante... O intuito inicial, que parece colher-se de uma leitura (quer mais ligeira, quer mais aprofundada) do primeiro volume, ou seja, o de fazer uma coletânea que recolha investigações, reflexões, debates ou controvérsias sobre o português, no seu diálogo com as diferentes culturas do mundo com que travou relações no seu secular percurso de expansão através dos oceanos e sobre a importância, presença (ou ausência) e peso da língua portuguesa no mundo, cresceu imenso, tanto, que a delimitação do(s) âmbito(s) de pesquisa neste volume tende a se esbater, os seus limites tornaram-se vagos, difusos... Pode dizer-se, mesmo, que o presente volume constitui, na prática, uma compilação de artigos sobre Estudos Portugueses, em geral. É verdade que a compilação inclui vários trabalhos de pendor mais geral, alguns deles assinados por grandes vultos da Linguística, ou dos Estudos Literários, portugueses, como Carlos Reis, cujo artigo

“Espaços da Língua Portuguesa ou os perigos da imagináutica” (pp. 9-20), que abre o livro, se circunscreve estritamente aos limites temáticos aos quais se cingiam, praticamente, todos os trabalhos publicados no livro anteriormente recenseado. Para mais, que este estudo do eminente professor conimbricense se debruça sobre um aspecto escassamente abordado na coletânea anterior, como é o do papel a cumprir pela língua literária (ou *pelas línguas literárias*, se decidirmos olhar para o discurso literário como uma polifonia, mais do que como um registo linguístico monocorde, o que mais se aproxima, sem dúvida, da verdade) no contexto de um português tornado (ou que pretende tornar-se) em língua internacional, ao mais alto nível. As reflexões sobre a língua literária portuguesa e a sua importância no desenvolvimento da Língua, continuam-se no artigo seguinte, “A (re)invenção da língua portuguesa” (pp. 21-32), de Maria de Fátima Marinho. No horizonte destas meditações, paira sempre a problemática da internacionalização do idioma português, e o papel da língua literária nessa mesma internacionalização.

Ora, tendo em conta a extensão notabilíssima do livro, bem como o facto de muitos dos trabalhos nele recolhidos fazerem uma abordagem sobre assuntos muito específicos e desviados dos âmbitos de pesquisa originais (e, para mais, atendendo ao facto de o livro ter, nas primeiras páginas, um índice, perfeitamente esclarecedor, como todos os índices), tentarei sintetizar e avaliar unicamente alguns, dentre todos, os trabalhos do volume; também, é claro, para não tornar esta recensão numa dissertação de mestrado, ou doutoramento e poupar páginas ao sofrido leitor desta recensão.

O âmbito das pesquisas sobre “mundo de língua portuguesa”, ou, abreviando (e ainda que não seja, o termo, da maior correção política), sobre a “Lusofonia”, vem, neste novo volume de mares de língua portuguesa, alargar-se por um lado, e estreitar-se, por outro. No que diz respeito ao estreitamento, desaparecem aqui quase inteiramente os crioulos, que só figuram (mais concretamente: só *figura* o crioulo cabo-verdiano) num artigo, e não como sujeito de estudo propriamente tal, mas antes, aparecendo num estudo sobre as interferências, deste crioulo e doutras línguas autóctones, presentes em países de língua oficial portuguesa, visíveis no processo de aprendizagem do português, mais concretamente no que diz respeito ao domínio do género gramatical (trabalho de Celda Morgado Choupina, pp. 481-499). Alarga-se, o âmbito de pesquisas, ao fazer-se referência, nomeadamente num estudo, do professor

Xavier Frias Conde (pp. 343-354) ao espinhento, mas também fascinante tema das relações entre a língua galega e o mundo de língua portuguesa. Defende-se, neste trabalho (intitulado, precisamente, “O galego e a Lusofonia”, sem preconceitos em relação ao famoso termo “Lusofonia”), a ideia de o galego ser uma variante, não dialectal, mas com o seu próprio estatuto de idioma e a sua própria normativa, dentro de um dia-sistema galego-português (e não apenas “português”). Até aí, nada de novo a respeito de muitos trabalhos, já feitos ao longo de toda a história dos estudos sobre língua portuguesa, sobre língua galega, ou de um modo mais geral, sobre Linguística Românica, pelo menos por um sector, mais ou menos amplo, dos estudiosos dessas disciplinas. Os avanços, neste sentido, presentes nesse estudo, verificam-se, sobretudo, nas propostas de política linguística que aí se fazem: por exemplo, o facto de se desligar conscientemente a discussão sobre a natureza linguística do galego, de questões sobre a norma ortográfica ou morfológica que para a sua escrita deverá ser usada: afirma-se, no estudo, a “lusitanidade” do galego, ou a sua pertença a um complexo linguístico unitário (todo o flexível e pluri-normativo que se desejar), sem isso, no entanto, implicar necessariamente a adopção de uma determinada norma ortográfica. A Galiza também aparece no artigo de Xurxo Fernández Carballido (pp. 369-380), num artigo, porém, que trata sobre a questão do ensino do português nessa terra, encarado como ensino de uma língua estrangeira; na comunicação é avaliado muito positivamente o decreto autonómico galego “para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a Lusofonia” (Lei Autonómica 1/2014, de 24 de março), conhecido como “Lei Valentín Paz Andrade”, resultante de uma iniciativa legislativa popular, e que veio a redireccionar as políticas de ensino do português na Galiza, promovendo o seu leccionamento nas aulas, bem como o seu papel num estreitar-se dos laços de amizade, cooperação e trocas comerciais da Galiza com os países de língua portuguesa.

A existência de uma outra língua em Portugal, o mirandês, com reconhecimento oficial desde o ano 1999, é tratada num outro artigo, do professor Alberto Gómez Bautista (pp. 381-394). Este investigador perscruta sobretudo a imagem que o mirandês, bem como a cultura e a população da Terra de Miranda, onde o mirandês é falado, tem alcançado em Portugal, bem como entre os estudiosos de outras nacionalidades que sobre esta língua se têm debruçado. É

o único caso de trabalho, no contexto das duas coletâneas, em que se fala de uma língua não vinculada diretamente com o complexo linguístico (galego-)português, ao qual pertencem, para além do português, o galego (com reservas, por parte de alguns autores) e os crioulos de base lexical portuguesa (estes últimos, porém, ligados ao português pela sua base lexical, mas não no que concerne às suas normas gramaticais). Com efeito, o mirandês é, *strictiore sensu*, um dialeto do complexo asturo-leonês, ainda que o seu reconhecimento como língua, como idioma, em Portugal, seja perfeitamente coerente com o facto de ser *língua* em relação ao Português (pois não é, de maneira nenhuma, um dialeto *do* português). O facto de a Terra de Miranda não ter acesso direto ao mar, não empece, claro, que este artigo faça parte, a muito justo título, de um compêndio sobre os “mares” (em sentido próprio ou figurado), como este pretende ser, um compêndio de todos os registos possíveis da “Lusitanidade”, quer ao nível estritamente linguístico, quer a um nível cultural mais alargado, a abranger línguas em diálogo com o português, asturo-leonesas, bantas, mandingas ou malaio-polinésicas... De facto, lembrando estas últimas, há também um trabalho sobre o ensino do português em Timor-Leste (de Isabel P. Martins e Ângelo Ferreira, pp. 395-408), país onde a maior parte da população tem como língua materna alguma das nove do grupo malaio-polinésico que se falam em Timor, das quais o tétum é de facto só uma entre várias, com maior peso, sem dúvida, por ser língua veicular para a intercompreensão entre grupos étnicos, além do papel de relevância alcançado por esta língua, ao ser reconhecida como segunda língua oficial, ao lado do português, na República Democrática de Timor-Leste, reconhecimento a que se agrega a sua declaração como única “Língua Nacional” desse país.

Brasil, Portugal, África Lusófona, Macau e a extensão crescente da procura da aprendizagem do português como língua estrangeira na China, são alvo de estudo em muitas páginas – através dos seus escritores, da sua cultura, da sua língua – deste volume: muitas ondas deste, mais do que mar, verdadeiro oceano de estudos e reflexões, em clave polifónica, sobre o mundo variegado e cambiante que se exprime, ou pode exprimir (ou que já se exprimiu) em língua portuguesa. A junção dos dois volumes, *Pelos Mares...1 + Pelos Mares...2*, por outro lado, compõe um leque ainda mais completo e abrangente...

Todos os artigos, de ambos os volumes, estão escritos, de resto, em correta língua portuguesa. Sem exceção. Boa amostra da valia desta língua multissecular e de abrangência universal.